
O Espaço midiático como território: A imagem negra resiste aos estereótipos de subalternização na comunicação brasileira¹

Karoline Stéfani de Carvalho Argentina²
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Resumo

Esta pesquisa investiga as representações da população negra na televisão brasileira, analisando como a mídia participa da construção de imaginários sociais, da produção de estereótipos e das disputas de sentido sobre as relações raciais. As representações midiáticas não apenas refletem a realidade, mas também produzem discursos que influenciam a forma como a população negra é percebida socialmente. Inserido no campo da Comunicação Social, o estudo busca compreender como essas representações são construídas e circulam na mídia televisiva brasileira. A pesquisa será desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e análise de produtos televisivos, articulando os estudos sobre representação, memória e mídia. O estudo pretende contribuir para o debate sobre comunicação e relações raciais, evidenciando o papel da televisão na produção de imaginários sociais e na reprodução ou contestação de estereótipos raciais.

Palavra-chave: representação racial; televisão brasileira; estereótipos raciais; imaginário social; comunicação.

Introdução

Este trabalho apresenta as primeiras reflexões de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas. A investigação parte da premissa de que as representações midiáticas da população negra operam como construções históricas, culturais e políticas reiteradas pelos meios de comunicação brasileiros.

Ao observar a televisão brasileira, nota-se que a exclusão de artistas e personagens afro-brasileiros foi naturalizada desde suas primeiras produções. O uso de ridicularização, associação à subalternidade, hipersexualização, objetificação, blackface e a valorização de padrões estéticos eurocêntricos em detrimento de outros contribuiu

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Publicitária. Integrante dos Grupos de Pesquisa Bertha (PUC Minas) e Coragem (UFMG). E-mail: atendimentopretacomunica@gmail.com

para a formação de narrativas midiáticas de subalternidade de sujeitos não brancos construídas de forma contínua pelos grandes veículos de comunicação nacionais.

Tais representações produzem apagamento e desumanização de corpos negros, ao mesmo tempo em que reforçam dinâmicas assimétricas de poder nos meios de comunicação. Em um país onde a população é majoritariamente não branca (IBGE, 2022), a propriedade dos principais veículos de comunicação permanece concentrada em um número reduzido de grupos empresariais e familiares. O levantamento do Media Ownership Monitor Brasil (2017) demonstra que o sistema midiático nacional é marcado pela concentração da propriedade e da audiência em poucos conglomerados, muitos deles estruturados a partir de grupos familiares que mantêm o controle dos veículos ao longo de gerações.

A concentração da propriedade midiática em poucos grupos familiares não constitui apenas uma questão econômica, mas pode ser compreendida como parte de processos mais amplos de reprodução de poder nas instituições brasileiras. Nesse sentido, Cida Bento (2022) observa que:

(...) Assim vem sendo construída a história de instituições e da sociedade onde a presença e a contribuição negras se tornam invisibilizadas. As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistema de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. Essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustadas. Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios. É claro que elas competem entre si, mas é uma competição entre segmentos que se consideram “iguais”. (Bento, 2022, p. 14)

Tal dinâmica contribui para a manutenção de estruturas de poder historicamente consolidadas, influenciando não apenas quem ocupa os espaços de decisão, mas também quais narrativas são produzidas, legitimadas e difundidas na esfera pública e privada.

Diante desse cenário, torna-se necessário questionar não apenas como as representações da população negra são produzidas, mas também a partir de quais perspectivas elas são construídas. Em entrevista à revista Manchete, Beatriz Nascimento afirma: "No nível existencial, sendo negra, acho necessário que tudo isso seja analisado da perspectiva do negro, enquanto sujeito da história" (Nascimento, 1976, p. 130-131).

A reflexão da autora aponta para a importância de reconhecer a população negra não apenas como objeto de representação, mas como sujeito da memória, da narrativa e da produção de conhecimento sobre sua própria experiência histórica. É a partir dessa perspectiva que a presente pesquisa busca compreender os processos de construção das imagens da população negra nos meios de comunicação brasileiros.

Fundamentação teórica

Lélia Gonzalez (1984) afirma que as representações midiáticas da população negra podem ser compreendidas para além do nível simbólico. Essas representações se inserem em uma estrutura histórica de racialização que organiza formas de visibilidade, reconhecimento e apagamento social. Nesse sentido, o racismo opera também na naturalização de estereótipos e na produção cotidiana de imagens que associam a população negra à marginalidade, à subalternidade e à criminalização:

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice etc. e tal. Daí é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha é malandro, e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 1984, p. 225-226).

Esse trecho evidencia como o racismo, ao se apresentar como “natural”, estrutura sentidos sociais que atravessam diferentes veículos de comunicação, incluindo a mídia, produzindo e reproduzindo estereótipos que legitimam desigualdades históricas.

Ao analisar a televisão brasileira, Joel Zito Araújo destaca a necessidade de discutir os impactos dessas representações sobre a população negra, afirmando ser necessário refletir sobre as distorções que afetam “os processos de afirmação da auto-estima da população de origem negra” nesse “campo de batalha simbólico” constituído pela televisão. (Araújo, 2000, p. 21-22)

(...)A maioria dos afro-brasileiros está tão familiarizada com a ordem estabelecida pela produção simbólica das redes de tevê, marcada por referências eurocêntricas, como todos os outros segmentos étnicos/raciais do país. A resposta de audiência dos afro-brasileiros aos programas da tevê marcadamente montados em uma perspectiva cultural eurocêntrica, com

noções de beleza, temas, ênfase e estética branca (como os programas infanto-juvenis das apresentadoras Xuxa e Angélica), é uma comprovação disso. Esse quadro hegemônico de representações dos valores e padrões estabelecidos pelo segmento branco na televisão brasileira reflete a desigualdade racial profundamente arraigada no país. (Araújo, 2000, p. 66 - 67).

A valorização de padrões estéticos eurocêtricos e a permanência de representações associadas à subalternidade ajudam a compreender como a mídia brasileira historicamente produziu formas restritas de visibilidade para a população negra.

Nesse sentido, Beatriz Nascimento amplia a discussão ao problematizar quem constrói os discursos legitimados sobre a população negra. Ao refletir sobre a escrita da história no Brasil, a autora questiona: “E o que você tem muito é como essa história está sendo escrita pelo branco, eternamente pelo branco. Sempre pelo branco. Quem de nós negros escreveu?” (Nascimento, 2022, p. 120).

A reflexão de Nascimento chama atenção para a importância de observar não apenas o conteúdo das representações, mas também os sujeitos que historicamente ocuparam os espaços de produção e circulação dessas narrativas.

As contribuições desses autores permitem compreender que as representações da população negra na mídia não são construções neutras. Elas resultam de processos históricos e sociais que influenciam quem é representado, de que forma é representado e quais perspectivas são legitimadas nos meios de comunicação.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como uma análise qualitativa de caráter interpretativo, voltada à compreensão das formas de representação da população negra na televisão brasileira. Para isso, parte de uma revisão bibliográfica sobre mídia, representação e relações raciais, reunindo autores e autoras que contribuem para a reflexão sobre a construção de imagens da população negra na sociedade brasileira.

A investigação terá como foco principal as telenovelas produzidas pela Rede Globo, devido à sua relevância histórica na teledramaturgia nacional. A análise buscará identificar padrões recorrentes de representação da população negra, observando a presença de estereótipos, processos de invisibilização e limitações ao protagonismo.

A definição do corpus será aprofundada ao longo da pesquisa, a partir de critérios temporais e temáticos. Embora o foco inicial esteja voltado às representações da população negra de forma mais ampla, há um interesse particular pelas experiências e representações de mulheres negras, aspecto que poderá orientar a delimitação do corpus durante a investigação.

Considerações sobre a Análise

Desde suas primeiras produções, a televisão brasileira naturalizou a exclusão de artistas e personagens afro-brasileiros, consolidando um padrão de fazer televisão marcado pela criação recorrente de estereótipos. A ridicularização, a constante associação de personagens negros a posições de subalternidade, a hipersexualização e objetificação, o blackface e a valorização de padrões estéticos eurocentrados não operam apenas como escolhas narrativas, mas como mecanismos de organização simbólica presentes em diferentes formatos televisivos.

Nesse processo, personagens negros foram frequentemente associados a figuras de servidão, comichidade, hipersexualização, marginalização e violência simbólica, enquanto personagens brancos ocuparam espaços de prestígio e humanidade. Essas representações também delimitam quais sujeitos podem ser associados ao desejo, ao cuidado e ao reconhecimento social.

Os traços herdados do período colonial permanecem atualizados em telenovelas, programas de entretenimento, comerciais e outras produções audiovisuais, revelando continuidades históricas presentes na maneira como a população negra é representada nos meios de comunicação brasileiros.

Em um país onde a população é majoritariamente não branca, a repetição dessas imagens interfere diretamente na construção de referências sociais e identitárias.

Quando determinados corpos aparecem reiteradamente associados à servidão, ao humor estigmatizante ou à violência, cria-se uma lógica de reconhecimento limitada, na qual sujeitos negros permanecem vinculados a posições de subalternidade histórica. Ao circularem para além da televisão, essas representações passam a integrar o cotidiano social e contribuem para a naturalização de determinadas percepções sobre a população negra. Esses repertórios simbólicos ultrapassam o campo do entretenimento e passam a influenciar formas de pertencimento, identificação e reconhecimento social. A

permanência dessas imagens contribui para a consolidação de referências racializadas que limitam possibilidades de construção positiva da imagem negra nos espaços midiáticos brasileiros. Esse processo interfere diretamente na construção de pertencimento, identificação e reconhecimento social, especialmente em um país marcado por desigualdades raciais historicamente estruturadas.

Nesse contexto, torna-se necessário questionar de que maneira sujeitos negros e os demais sujeitos podem construir referências positivas quando a presença negra permanece exposta, de forma recorrente, a imagens associadas à subalternidade histórica e à violência simbólica.

Referências

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Senac São Paulo, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

MEDIA OWNERSHIP MONITOR BRASIL. **Proprietários: empresas**. São Paulo: Intervozes; Repórteres sem Fronteiras, 2017. Disponível em: <https://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/>. Acesso em: 11 jun. 2026.

NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.